

por bons e sólidos motivos. A imagem do caos resulta da recusa em situar esses motivos, do horror que eles inspiram. O período inteiro, da Independência à Maioridade, compreende duas fases: a que se encerra com o Sete de Abril e a que se encerra com a Maioridade: na primeira, caracteriza-se um período conservador inicial, quando periga a própria Independência, e um período liberal, que leva à abdicação do primeiro imperador; na segunda ao inverso, ocorre um período liberal inicial, a que se segue um período conservador, coroado pelo golpe da Maioridade. Justapostos, como na realidade o foram, os dois períodos liberais representam a continuidade do avanço liberal, quando as forças progressistas do processo da Independência conseguem deter e fazer refluir as forças conservadoras: o ápice é o Sete de Abril e o estabelecimento de um tipo de governo quase republicano, com a supremacia do Legislativo e o regente eleito. Segue-se a retomada de avanço das forças conservadoras, que derrotam as liberais e alcançam a vitória da Maioridade, imediatamente explorada, abrindo a longa fase do Segundo Império, em que a historiografia oficial vê sempre a ordem, a democracia, o desenvolvimento, quando, na verdade, foi a mais apagada, a mais estreita, a mais atrasada de nossa história desde a autonomia. A grande época, ao contrário, é aquela, de ascensão liberal, quando os valores nacionais se afirmam, — justamente aquela que a historiografia oficial se esmera em caracterizar como o caos, a desordem. Época fecunda, teve uma imprensa peculiar, cujos traços de grandeza e de autenticidade são normalmente apresentados como impuros.

O que predomina, na primeira fase, a que transcorre entre o Sete de Setembro e o Sete de Abril, é o perigo que a Independência corre. Contra esse perigo é que se levantam os brasileiros que compõem a corrente que conjuga a Independência com a liberdade, a corrente liberal, que pretende aprofundar o processo, que não teme levá-lo às últimas conseqüências. Daí o surto nativista, o ódio ao português, a crítica implacável, a oposição vigilante e virulenta. Ora, o que as forças conservadoras mais temiam era, justamente, o aprofundamento do processo da Independência, a conjugação entre esta e a liberdade, as alterações estruturais, a perda de seu domínio tradicional, as inovações, as reformas, qualquer coisa que trouxesse risco ao domínio da classe que empresara a autonomia e a desejava dentro dos moldes convenientes aos seus interesses, e que encontrava, para tudo isso, como encontrara para a autonomia, o apoio ostensivo da burguesia européia, e particularmente a britânica, também interessada em que não houvesse perturbação no mercado de importância destacada que era o Brasil, ponte, além de tudo, para outros amplos mercados do continente, como o platino. A luta se desencadeia, como se viu, logo após o Ipiranga